



Informativo SBMa

Editado pela Sociedade Brasileira de Malacologia
Periódico Trimestral
ISSN 0102-8189

Rio de Janeiro, Ano 48 n° 199 – 30/03/2017

PALAVRAS DA PRESIDENTE

Prezados sócios,

FELIZ 2017!

Passadas as comemorações do final do ano, os desafios e surpresas do novo ano novamente nos aguarda. Neste ano ocorrerá o nosso mais importante evento, o XXV Encontro Brasileiro de Malacologia (XXV EBRAM) que vai ocorrer nas dependências da Universidade Federal do Semi-árido (UFERSA), na calorosa cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, previsto para ocorrer de 19 a 23 de junho de 2017.

Seremos recepcionados pela colega Dra. Inês Xavier Martins, uma das nossas mais comprometidas associadas, que assumiu a responsabilidade pela organização do evento. A escolha da data coincide com os festejos juninos e com as comemorações da libertação de Mossoró do jugo do cangaceiro Lampião e seu bando.

Nossos sinceros agradecimentos à Inês, que vai nos proporcionar esta grande oportunidade.

Mais uma vez, temos certeza que os congressistas encontrarão um evento rico, tanto do ponto de vista científico como cultural, saboreando a culinária e a cultura nordestina. Teremos diversas atividades: palestras, mesas redondas, mini-cursos. Além disso, a possibilidade de intercâmbio entre os congressistas, a troca de idéias e o planejamento de trabalhos em colaboração sempre nos anima!

É sempre um momento de alegria rever os antigos amigos e fazer novos! Portanto, comecem a planejar as suas participações. Estimulem seus alunos a participar, apresentando os resultados de seus estudos!

Lembramos também que o XXV EBRAM será o momento da eleição da Presidência para o biênio subsequente (2017-2019), em nossa Assembléia Geral de Associados. Vejam o Edital de Convocação na página 2 (Estatuto vigente disponível em nossa página *web* www.sbmMalacologia.com.br).

Discutiremos os assuntos de interesse da Sociedade e analisaremos os relatórios administrativos e financeiros. Portanto, não deixe de quitar a sua anuidade 2017! Contamos com a entusiástica participação de todos os malacólogos!

Até Mossoró!

Sonia Barbosa dos Santos

Expediente

Presidente

Dra. Sonia Barbosa dos Santos (sbsantos@uerj.br)

Vice-presidente

Dr. Cléo Dilnei de Castro Oliveira
(cleo.oliveira@gmail.com)

1ª Tesoureira

Dra. Monica Ammon Fernandez (ammon@ioc.fiocruz.br)

2ª Tesoureira

Dra. Suzete Rodrigues Gomes (suzetebio@yahoo.com.br)

1ª Secretário

Dr. Igor Christo Miyahira (icmiyahira@yahoo.com.br)

2º Secretária

Dra. Lenita de Freitas Tallarico
(letallarico@yahoo.com.br)

Editores do Informativo

Dra. Sonia B. dos Santos

Dr. Igor C. Miyahira

Dr. Cléo Dilnei de C. Oliveira

e-mail: [sbmalacologia@yahoo.com.br](mailto:sbmMalacologia@yahoo.com.br)

página: www.sbmMalacologia.com.br

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Laboratório de Malacologia – PHLC – Sala 525/2, Rua São

Francisco Xavier 524, Maracanã, – CEP: 20550-900

Impresso no Lab. de Malacologia da UERJ

(jan-mar/2017)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA A ASSEMBLÉIA GERAL DE ASSOCIADOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MALACOLOGIA (SBMA) DURANTE O XXV EBRAM

- MOSSORÓ, 19 A 23 DE JUNHO DE 2017 -

A Diretoria da SBMa, de acordo com o Estatuto vigente da SBMa, convoca os associados quites para as Assembléias Geral Extraordinária e Geral Ordinária, que vão ocorrer nas dependências da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), Mossoró, Rio Grande do Norte, segundo as convocações a seguir.

1- A Presidente da Sociedade Brasileira de Malacologia, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os associados habilitados para a Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada durante a abertura solene do XXV Encontro Brasileiro de Malacologia (XXV EBRAM) no dia 19 de setembro de 2017, terça-feira, às 17:00 horas, nas instalações do Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, Mossoró, Rio Grande do Norte, com a seguinte Ordem do dia:

- Abertura solene do XXV Encontro Brasileiro de Malacologia;
- Palavra da Presidente do XXV Encontro Brasileiro de Malacologia;
- Palavra da Presidente da SBMa
- Palavra das autoridades presentes;
- Homenagem aos malacólogos que se distinguiram por serviços prestados à Malacologia;
- Homenagem póstuma aos malacólogos Prof. Dr. José Luiz Moreira Leme (MZUSP); Prof. Dr. José Willibaldo Thomé (Fundação Zoobotânica do RS e PUCRS); Prof. Dr. Alberto Kioharu Nishida (Guy) (UFPB)
- Entrega da Medalha Toshie Kawano;
- Conferência inaugural;
- Encerramento da Assembléia;
- Coquetel de confraternização.

MEDALHA TOSHIE KAWANO

Criada para homenagear as malacólogas que se destacaram na formação de recursos humanos, na obtenção de recursos e na produção científica. As indicações devem ser encaminhadas para a Diretoria da SBMa até maio de 2017.

2- A Presidente da Sociedade Brasileira de Malacologia, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os associados habilitados para a Assembleia Geral Ordinária, a ser realizada no dia 21 de junho de 2017, às 19:30 horas, nas instalações da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), Mossoró, Rio Grande do Norte, UFERSA com a seguinte Ordem do dia:

- Abertura da Sessão;
- Apresentação e homologação do Relatório da Presidência (setembro de 2015 a junho de 2017);
- Apresentação e homologação do Relatório da Tesouraria (setembro de 2015 a junho de 2017);
- Apresentação e homologação do Relatório da Secretaria (setembro de 2015 a junho de 2017);
- Eleição e homologação da nova Presidência da Sociedade Brasileira de Malacologia para o período de julho de 2017 a agosto de 2019 (biênio 2017-2019);
- Assuntos diversos;
- Encerramento da Assembléia.

ATENÇÃO!

A entrega dos Prêmios de Estímulo à Investigação Malacológica Prof. Maury Pinto de Oliveira, da Medalha Dr. Wladimir Lobato Paraense e do Troféu Caracolino ocorrerá em nossa festa de encerramento, aberta a todos os congressistas. Leve uma roupa típica, pois nossa festa de encerramento terá uma típica quadrilha junina! **Olha o caracol!! É verdade!!!**

LEILÃO DA SBMa!

Nosso tradicional leilão vai ocorrer em algum momento do XXV EBRAM! Além dos bons momentos, das disputas acirradas que nos garantem boas gargalhadas, esse leilão nos ajuda a cobrir as pequenas despesas que não são permitidas pelas agências de fomento. Levem brindes malacológicos! Livros, conchas, roupas e objetos que façam referência aos moluscos.

CORTES NO ORÇAMENTO DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

No apagar das luzes de 2016, o governo brindou todos os brasileiros com o corte de R\$ 1,4 bilhões do orçamento do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC). Diversas sociedades/associações/conselhos científicos têm manifestado repúdio a tal situação, afirmando que esta medida vem somente para prejudicar a já difícil tarefa de fazer pesquisas no Brasil, ressaltando o efeito negativo para todos os brasileiros. A Sociedade Brasileira de Malacologia (SBMa) vem se unir a este coro. Abaixo é transcrita a nota de repúdio que pode também ser lida nas páginas das sociedades citadas (*e.g.*, <http://www.sbpcnet.org.br/site/noticias/materias/detalhe.php?id=5773>).

NOTA DE PROTESTO

As entidades abaixo relacionadas, que representam comunidades acadêmicas, científicas, tecnológicas e de inovação, vêm a público denunciar a operação desastrosa feita pelo Congresso Nacional na Lei Orçamentária Anual – LOA 2017 com a criação de uma nova fonte de recursos (fonte 900) retirando verbas das áreas de Educação e Ciência Tecnologia e Inovação (C, T & I). Esses recursos estavam antes assegurados pela fonte 100, que tem pagamento garantido pelo Tesouro Nacional.

Essa transferência para a fonte 900 não tem recursos assegurados, tanto que passam a ser chamados de “recursos condicionados” de acordo com manual orçamentário. A fonte 900 inclusive põe em dúvida o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal – LRF, que exige para cada empenho a definição clara da fonte de recursos. Qual a fonte real que o governo utilizará para honrar os pagamentos prometidos pela LOA 2017 à área de C, T & I se a fonte usada está “condicionada” a um apontamento futuro?

Salientamos que só na área de C, T & I o impacto financeiro será de R\$ 1,712 bilhão, deixando a operação das OSs e das bolsas de pesquisa com apenas R\$ 206 milhões na fonte 100, de pagamento direto pelo Tesouro Nacional. Em todo o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação – MCTIC, somente a pesquisa científica foi atingida pela transferência de recursos para a fonte 900.

A operação realizada pelos parlamentares gerará, na prática, um corte de 89,24% nas dotações

orçamentárias previstas para administração do setor, as Organizações Sociais (OSs) e as bolsas de formação e capacitação em C, T & I. Isso porque a nova fonte 900 poderá ser uma mera ficção, ao tirar a garantia de pagamento dos recursos previstos na LOA para colocá-los na dependência futura de uma nova lei que, de fato, defina uma fonte segura que cubra a previsão orçamentária.

Para Educação e C, T & I a situação é gravíssima tendo em vista a aprovação, por este mesmo Congresso Nacional, da PEC dos Gastos Públicos, que congelará os investimentos em educação para os próximos 20 anos. É triste ver que o país continua encarando Educação e C, T & I como gasto e não como investimento, como ocorre em países avançados, por falta absoluta de compreensão dos que decidem.

Apesar do que afirma o governo, a transferência de recursos da pesquisa para a fonte 900 gerará impactos dramáticos no sistema educacional já em 2017, caso não seja imediatamente revertida, prejudicando milhares de pesquisadores em todo o país que dependem de bolsas da CAPES e do CNPq para dar sequência a seus trabalhos.

Oficialmente, alegam que os recursos suspensos serão pagos por meio da Desvinculação de Receitas da União – DRU. Fosse isso verdade, porque então não manter as verbas na fonte 100, já que será o mesmo Tesouro Nacional quem irá administrar as verbas desvinculadas futuramente?

No jogo político, o sequestro das verbas, aprovado pelo Congresso Nacional nos parece uma forma não ortodoxa para garantir a aprovação da controversa Lei de Repatriação de Recursos (PL 2.617/2015), de onde supostamente viria a verba capaz de voltar a garantir o pagamento efetivo dos recursos colocados na fonte 900.

É lamentável constatar esses fatos que serão extremamente prejudiciais ao país. Qualquer Nação na era da economia do conhecimento sabe que Educação, C, T & I são as peças fundamentais para atingir os objetivos de cidadania num mundo global.

A comunidade acadêmica, científica, tecnológica e de inovação está perplexa com a sequência de ações tomadas pelo governo federal em parceria com o Congresso Nacional, que claramente colocam em risco o futuro do Brasil. Sinceramente esperamos que essas decisões sejam revistas pelo bem da Nação e do povo brasileiro.

Assinam: Academia Brasileira de Ciências (ABC);

Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec); Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento de Empresas Inovadoras (Anpei); Conselho Nacional das Fundações

Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap); Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação (Consecti) e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

NOTA DE FALECIMENTO

LYGIA DOS REIS CORRÊA: UMA VIDA DEDICADA À MALACOLOGIA MÉDICA (1935- 2016)

Mineira de Belo Horizonte, nasceu em 03 de maio de 1935. Graduiu-se em História Natural pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1958.

Dedicou sua vida ao estudo da relação planorbídeos - *Schistosoma mansoni* da Região Neotropical, tendo iniciado sua carreira no Instituto Nacional de Endemias Rurais (1960- 1968), posteriormente na Universidade de Brasília (1968 – 1976) e finalmente no Instituto Oswaldo Cruz (1977 a 2010). No Laboratório de Malacologia deste Instituto Lygia criou e foi responsável pelo moluscário, pela manutenção de diferentes cepas de *S. mansoni*, além da formação de vários profissionais, vindo a chefiar o Laboratório por vários anos.

Foi no Instituto Nacional de Endemias Rurais, onde estagiou e conheceu Wladimir Lobato Paraense, pesquisador já renomado naquela época, pelos trabalhos realizados com malária aviária e por aqueles que vinha desenvolvendo sobre a biologia e taxonomia dos moluscos transmissores da esquistossomose. O convívio diário gerou uma grande admiração profissional e posteriormente uma grande paixão, que durou por quase seis décadas, até o falecimento de WL Paraense em fevereiro de 2012.

Toda sua carreira profissional foi feita ao lado de WL Paraense, com quem publicou vários trabalhos, com destaque para a existência de diferentes linhagens de *S. mansoni* e variações na suscetibilidade dos planorbídeos. Lygia partilhou com ele não apenas a carreira, mas a sua vida, com uma dedicação e admiração invejáveis, sendo difícil desvincular a figura da pesquisadora Lygia, da esposa dedicada e companheira, que se referia carinhosamente a ele como “Lolô ou Lozinho”.

O casal residiu na Casa Amarela, dentro do campus da Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, por quase quatro décadas, por opção do companheiro, que assim poderia se dedicar mais ao trabalho no Laboratório de Malacologia. Lygia permaneceu na Casa Amarela até o seu falecimento em dezembro de 2016, após complicações advindas de um câncer.

Apesar de não ter tido filhos biológicos, o que muito desejava, Lygia deixou muitos filhos científicos, a

quem ensinava com prazer e alegria contagiante, fazendo sempre tudo parecer muito mais simples do que era na realidade. Sua alegria, sorriso largo e risada escandalosa e contagiante eram sua marca, que ficarão nas lembranças queridas dos seus muitos amigos e de quem teve o privilégio de conhecê-la.

Texto apresentado por Silvana Carvalho Thiengo (Fiocruz-Rio de Janeiro)



Figura 1 – No primeiro plano Lygia dos Reis Corrêa e seu inconfundível sorriso, com seu companheiro “Lozinho”, o Dr. Wladimir Lobato Paraense, à direita; segue-se Eduardo Prado, técnico desenhista da Fiocruz, Alexandre Costa Ribeiro, estagiário e Pablo Menezes Coelho, estagiário. Foto: Arquivo do Lab. de Malacologia.

ENTRE CONCHAS...

JOSÉ HENRIQUE LEAL

O título “Entre conchas...” é um trocadilho com a expressão entre colchetes, cujo uso é comum na língua portuguesa para tratar de comentários e informações adicionais [ou mesmo omissões!] em textos e citações. Esta série tem por objetivo compartilhar a experiência adquirida por diferentes pesquisadores ao longo de anos de jornada dedicados a malacologia. Além do conhecimento científico formal, estes pesquisadores acumulam suas experiências pessoais ao longo do tempo - segundo o período em que sua geração atua e atuou - e do espaço, segundo os locais em que trabalha e trabalhou. Muito deste conhecimento pessoal e das “histórias de batidores” se perde com os anos e termina por ser esquecido pelas novas gerações. Espera-se, a partir desta série de entrevistas, minimizar esta perda compartilhando-se experiências e conhecendo-se um pouco mais da história da figura humana por trás do nome daqueles que começaram a trilhar o caminho da malacologia em momentos distintos. Por fim, buscou-se aqui manter e estimular a liberdade pessoal de comunicação de cada entrevistado, lembrando o tom de informalidade de quem toma um café – ou uma cerveja – num fim de tarde entre amigos.

Se você tiver alguma crítica ou sugestão para esta coluna, entre em contato com Cleo Dilnei de Oliveira (cleo.oliveira@gmail.com)

José Henrique Nobrega Leal obteve seu diploma de Biólogo Marinho na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e é mestre em Zoologia pela UFRJ/Museu Nacional. Sua fascinação pela natureza, moluscos e vida marinha em geral originou-se durante sua infância no Rio de Janeiro. Em 1984 ele foi para os Estados Unidos a fim de obter um doutorado em oceanografia biológica na Universidade de Miami. Leal foi também pós-doutorando do National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, entre 1992–94, e em 1988 foi professor-visitante do Muséum National d’Histoire Naturelle em Paris. Ele é professor honorário (Adjunct Professor) da Rosenstiel School of Marine and Atmospheric Science, Universidade de Miami, e da Florida Gulf Coast University, na cidade em que vive, Fort Myers, Flórida. Além disso, ele foi presidente da American Malacological Society e do Conchologists of America (CoA). Leal é membro do

comitê permanente de acreditação da American Alliance of Museums e tem sido o editor de *The Nautilus* (desde 1998).

Leal, conta um pouco para a gente sobre como começou o seu interesse pelos moluscos.

Bom, a partir de minha infância estive sempre perto do mar. Cresci em Ipanema no Rio, criança e adolescente nos anos 1950 e início dos 1960. A área era muito diferente naquela época, com uma biodiversidade muito maior, nos ambientes praianos e rochosos (e.g., Arpoador). Isto causou uma grande impressão em mim: da pesca de praia, tarrafa, caça submarina, a exploração das escarpas do Arpoador e do Posto Seis, em Copacabana (bairro em que nasci). Desta forma, floresceu uma vida dedicada aos moluscos, ao nosso grande Oceano Atlântico e à biologia marinha.

Houve algum momento em que você pensou em seguir carreira em outra área?

Sem dúvida, mas como uma falha momentânea, deixando de seguir meus instintos naturais. De forma interessante, em 1971 entrei na Universidade do Estado da Guanabara (antiga UEG, atual UERJ) para começar o curso de engenharia. Lá fiquei por dois anos e meio, abandonando depois o curso e fazendo vestibular novamente em meados de 1974 para a área de biologia, com o objetivo de fazer biologia marinha na UFRJ, o que se concretizou (tenho o bacharelado em “Biomar” da UFRJ). Depois de dois anos e meio na UEG, me debatendo com assuntos como equações diferenciais, estatística industrial, e resistência dos materiais, imagine minha alegria tendo aulas de Bentos, Introdução ao Zooplankton, Malacologia, Carcinologia, e outras! Acredito que tomei a engenharia inicialmente porque meu pai era um engenheiro bem sucedido e achava que teria que seguir seus passos.

Você foi morar em outro país ainda jovem, o que te motivou a trilhar este caminho e como foi a experiência naquela idade?

Não tão jovem, meu caro Cléo. Embora isto tenha acontecido em um passado agora já distante, estava com 33 anos (inícios de 1985) quando iniciei meus trabalhos de curso visando o doutorado em oceanografia biológica na Universidade de Miami

(Rosenstiel School of Marine and Atmospheric Science). Fui incentivado por amigos e colegas de trabalho, principalmente pelo falecido ictiólogo do Museu Nacional, o Gustavo Nunan, o qual havia feito o mestrado naquela instituição, sempre elogiando o grupo de pesquisadores e a tradição daquela escola.

Você se tornou o diretor do Bailey-Matthews National Shell Museum (BMNSM), um renomado museu voltado ao estudo e divulgação da malacologia. Como você vê o papel dos moluscos como ferramenta de divulgação científica e qual a participação do público em geral neste campo?

Fui, de fato, o primeiro diretor do BMNSM depois que abriu as portas para o público em 1995 (o primeiro diretor, atuante na criação do museu, antes de sua inauguração) foi o super-malacólogo americano R. Tucker Abbott). Dirigi o museu entre fevereiro de 1996 e agosto de 2013. Agora sou o Curador/Diretor de Ciência da instituição. De fato, O BMNSM, embora seja um museu dedicado aos moluscos, cobre muitos aspectos da vida no nosso planeta (e está plenamente equipado para tanto). Isto decorre dos fatos de que moluscos (1) estejam presentes em um número enorme de ecossistemas, (2) apresentem uma disparidade enorme de modos de vida e recursos para interagir com os diversos ambientes e comunidades em que vivem e, conseqüentemente, (3) apresentem uma grande diversidade em termos de número de espécies, ocupando o segundo lugar após artrópodes. Isto justifica de certa forma a existência de um museu tão especializado, e nos ajuda a apresentar uma gama respeitável de exposições e programas para o público. Muitos, no entanto, nem sabem que conchas são feitas por animais!

Nos anos 90 você começou a atuar como editor do periódico The Nautilus, inteiramente voltado ao estudo dos moluscos. Comparando aquela época com os dias de hoje, quais as diferenças você apontaria em termos de 1) linha de pesquisa dos autores e 2) processo de editoração das publicações científicas, principalmente com uso da internet?

Sim, herdei a editorial do colega Jerry Harasewych (Smithsonian) em 1998. (1) A maior revolução na área de atuação de The Nautilus foi a injeção de métodos de genética molecular na área de sistemática (a edição de dezembro de 2016 traz dois trabalhos que incluem o assunto). Embora publiquemos trabalhos envolvendo muitos aspectos da malacologia, e eu não seja um biólogo molecular por formação, tenho sido “forçado” a acompanhar os desenvolvimentos de técnicas moleculares de forma a

poder editar trabalhos na área; (2) Peguei The Nautilus no final da época “do papel” e da fotografia não-digital, de filme e papel. Embora The Nautilus não seja uma publicação completamente eletrônica, todo o processo de submissão de trabalhos, peer-review, comunicação com autores, leitura de provas, e interações com a gráfica são eletrônicas. No passado (anos 1990), eu abria uma pasta (de papel) para cada artigo que chegava a minhas mãos, etc. Agora não existe sequer uma gaveta no meu escritório com material de The Nautilus, é tudo virtual, “pra lá de PDF”.

Há alguém que lhe tenha servido de inspiração ou que tenha sido fundamental no seu desenvolvimento como malacólogo? Como cientistas, estamos em constante renovação. Quais são seus novos planos para o futuro?

Sim, como muitos(as) em ciência, tenho meus heróis, heroínas e incentivadores. Na minha fase no Museu Nacional (de 1978 a 1984) o Prof. Arnaldo Coelho era a autoridade e o líder da malacologia no Rio. Ele me ajudou muito e forneceu a base para meu lançamento num âmbito mais amplo. O Prof. Eliézer Rios na época era o “herói distante”, o homem dos livros, criador de um museu, super empreendedor, encorajador das novas gerações, e com atitude sempre positiva. Minha ida para os EUA foi amparada por três orientadores, Donald Moore, e o casal Gilbert e Nancy Voss. Todos me ajudaram muito, e abriram portas para o mundo, incluindo minha conexão com o Smithsonian (National Museum of Natural History), aonde fui bolsista de pós-doutorado do Office of Fellowships and Grants. (1992-94). Lá, contava com o apoio de meu amigo Jerry Harasewych e Richard (“Joe”) Houbriek. Finalmente, devo muito a Philippe Bouchet (Muséum National d’Histoire Naturelle, Paris) com quem trabalhei durante a campanha MD55 do “Marion-Dufresne”, o qual me convidou/contratou para trabalhar como professor-visitante em Paris, com material brasileiro, durante 1988. Devo muito a todos.

Você tem algum hobby ou atividade que gostaria de realizar com mais frequência?

Meus hobbies favoritos são o surf, o que comecei a fazer nos finais dos anos 1960, stand-up paddleboard, o qual já faço com minha companheira Kim Nealon desde 2008, e a fotografia, de conchas, e de natureza, um hábito também antigo, e que tem me proporcionado muitas realizações.

Ao longo de sua carreira você descreveu muitas espécies novas. Há alguma que, ou pela beleza ou pela história por trás da descrição, você considere como sua favorita?

Interessante sua pergunta. Na realidade, de

uma forma ou outra, todas têm pequenas histórias associadas a elas, todas se tornando favoritas! A primeira espécie que descrevi foi *Arene flexispina* (*The Nautilus*, em 1985) coletada ao largo dos Abrolhos em 1978 durante a Operação Geomar X da Marinha, da qual participei. Nove anos depois, durante a campanha MD55 (1987), passávamos com o navio Marion-Dufresne naquela área dos Abrolhos, quando tive a idéia de sugerir ao Philippe Bouchet que fizessemos uma dragagem na localidade-tipo da espécie (eu tinha uma cópia do trabalho comigo, pré-PDF, com as coordenadas). Philippe usou sua força de persuasão para convencer o comandante do barco a navegar até o local, e, em apenas umadragagem, coletamos mais material da espécie! Na mesma campanha MD55, em uma coleta de rede-de-pesca a 248 metros ao largo do Rio de Janeiro, Philippe e eu reconhecemos uma espécie de gastrópode como nova (antes que a retirássemos da rede!); descrevemos aquele gastrópode como *Odontocymbiola simulatrix*, também no *The Nautilus*, em março de 1989. Por último, tenho grande satisfação em haver descoberto e estudado as espécies de *Dilemma*, o “bizarro” gênero de bivalves anomalodesmatas com a estranha modificação alométrica na concha, e com hábito de vida sésil associado com carnivoría e predação em crustáceos. Esta foi minha primeira incursão no universo dos bivalves, e espero que não tenha sido a última!

Você vê muita diferença no tipo de estudo realizado no Brasil e no exterior? Sobretudo no que concerne a taxonomia de moluscos?

Sim e não; ainda há diferenças, mas estas diferenças estão se tornando menores com o passar do tempo. Por um lado, boa ciência resulta diretamente de meios de comunicação efetivos. Quando eu era estudante de zoologia no Museu Nacional, finais dos anos 1970, inícios dos 1980, não usávamos computadores na área de taxonomia, não havia email, nem falar em Internet. Buscas da literatura sobre o taxon ou assunto em questão eram feitas na biblioteca do museu, com leituras/listagens entediadas do *Zoological Records* e *Biological Abstracts*, para dar dois exemplos. Uma vez compilada a lista de trabalhos importantes, escreviamos cartas ou cartões pedindo as separatas. Um pedido à Austrália ou Nova Zelândia podia levar cerca de três meses, quando respondidos (muitas vezes não havia resposta). É inacreditável que pudéssemos publicar qualquer coisa naquela época. Hoje em dia, email e a disponibilização de literatura e informação na Internet reduziram imensamente o “gap” entre os chamados mundos “desenvolvido” e o “em desenvolvimento”. A presença da malacologia brasileira em periódicos de alto impacto é atualmente

marcante e consistente, o que literalmente não existia quando sai do Brasil em 1984. Curiosamente, como ex-docente no exterior, comparo a qualidade e abrangência do ensino de graduação do qual usufruí na UFRJ com os correspondentes nos EUA, concluindo que tivemos um ensino muito melhor nesta fase. O mesmo não se verificava para estudos de pós-graduação.



Figura 1: José Henrique Leal segurando uma concha de *Epitonium leali* Garcia, 2011. A espécie em sua homenagem foi publicada no artigo Garcia, E.F. 2011. Two new species of *Epitonium* (Gastropoda: Epitoniidae) from the western Atlantic. *Novapex* 12 (3-4): 99-107. Foto: J.H. Leal

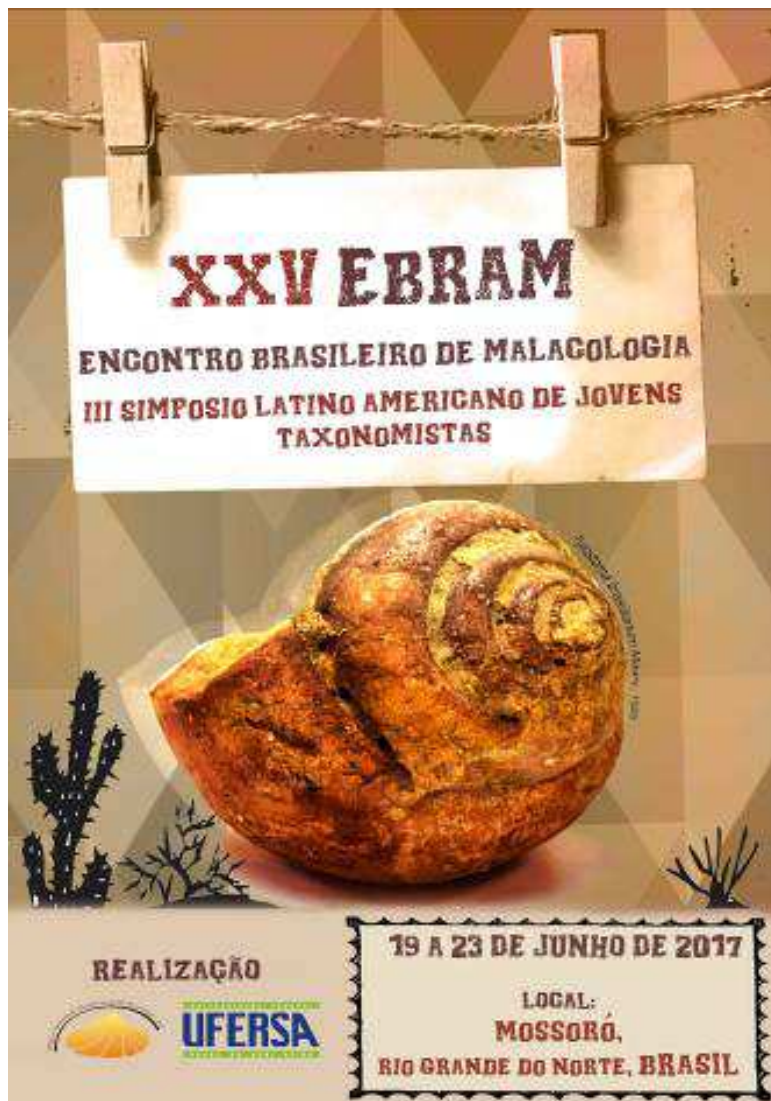
Há algum recado que você gostaria de deixar para as novas gerações de malacólogos?

Sem dúvida, vejo como missão dos mais experientes (eufemismo elegante para os mais velhos!) inculcir nos mais jovens um senso de valor profissional, importância, e adequação da profissão à realidade de hoje. Nada se compara ao prazer e realização na área da ciência, mesmo que seja na forma de pequenas contribuições, descrições de espécies novas, etc. Além disso, a biodiversidade global precisa da gente. Você não vai ficar rico(a), mas também, ao contrário de gente em outras profissões, não sentirá grande necessidade e prazer em se aposentar cedo, porque nossa vocação não se acaba “por decreto.” Lembrem-se também que, com raras exceções, a fase mais produtiva da gente é na época da pós-graduação; depois, a produção científica tende a diminuir, com o ensino, orientação de alunos, projetos que não resultam necessariamente em publicações,

administração, e cargos burocráticos (no meu caso, a diretoria de um jovem museu por 17 anos) fazem com a produtividade decline. E, por último, se queres se tornar malacólogo(a) e já exerce uma outra profissão, não titubeie, nunca é muito tarde para mudar. Eu

quase “fui engenheiro”; Luiz Simone (MZUSP) trabalhou duro por anos como médico antes de se tornar um malacólogo super-produtivo. Força de vontade serve para diminuir e acabar com limitações. A malacologia espera por você!

PARTICIPEM!!!



CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XXV EBRAM

Informações

www.ebram2017.ufersa.edu.br

secretaria.ebram2017@ufersa.edu.br

Telefone: 55 (84) 3317 8314

<https://www.facebook.com/XXVEBRAM/>



Congresso das Sociedades Europeias de Malacologia a ser realizado na Cracóvia, Polónia. <http://www.euromal.pl/>

Chairman: Tadeusz Zajac, Prof. INC PAS-Institute of Nature Conservation, Polish Academy of Sciences

fax: (+48) 12 632 24 32 - phone: (+48) 12 370 35 41 -email: euromal2017@iop.krakow.pl